



A Pluridimensionalidade da Docência no Ensino Superior e as Implicações nas Áreas da Saúde

The Pluridimensionality of Teaching in Higher Education and the Implications in the Areas of Health

La pluridimensionnalité de l'enseignement dans l'enseignement supérieur et ses implications dans les domaines de la santé

Jane da Silva Paes¹

Klévia Paes Monteiro²

Gabriela Monteiro da Silva³

RESUMO

O presente artigo explora a formação em saúde, com foco na docência, na vivência dos discentes e seus desafios, abordando a pluridimensionalidade do ensino superior em saúde, a necessidade de ir além da mera transmissão de conhecimentos e a importância da diversidade de saberes. Ademais, aponta a evolução histórica do

¹ Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Especialista em Psicologia Clínica de Base Fenomenológica pelo Instituto de Ensino Vision. Especialista em Saúde Coletiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Bacharela em Psicologia pela UFAM. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). Professora do curso de Psicologia da Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO). Preceptora em Psicologia na Pós-graduação em Saúde Pública com ênfase em Estratégia de Saúde da Família (UEA/ESAP). Vice Coordenadora da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Supervisora no Projeto de Extensão Plantão Psicológico nas escolas em Manaus. E-mail: janedasilvapaes@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9683-8518>

² Graduada em licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas. Graduada em licenciatura em História pela Universidade Estácio de Sá - Amazonas. Especialista em Psicopedagogia e Educação Especial - Faculdades Idaam. Especialista em Geografia e Meio Ambiente pela Faculdade Acesita - Timóteo (MG). Especialista em Metodologia em História e Geografia pela Faculdade Acesita - Timóteo (MG). Graduada em enfermagem pela Fametro - AM (Pólo Urucará). Atua como professora da educação básica do município de Urucará - AM com vínculo efetivo - Concurso Público. Atuou em pesquisas, monitoria e projetos de iniciação científica pela Universidade Federal do Amazonas, com publicações em revistas como Unesp, Monte Claros, Ufu de Uberlândia e UFAM, além de publicações em congressos. Esteve com vínculo empregatício com a AADC - Agência Amazonense de Desenvolvimento Cultural, Escolas Idaam e Colégio Santa Dorotéia. E-mail: kleviapaes@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0140-2857>

³ Pós-graduanda em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial. Bacharela em Psicologia formada pela UniNorte – Ser Educacional. Diretora de Comunicação da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/FAPSI/UFAM). Supervisora no projeto de extensão Plantão Psicológico nas escolas em Manaus. E-mail: gabrielamonteiro.psicologia@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6998-432X>



ensino superior em saúde e as especificidades do âmbito rural. Também destaca a importância de reconhecer a subjetividade dos discentes, ressaltando a relevância da empatia e do olhar atento do docente, visando a potencialização do aprendizado. Enfatiza as metodologias ativas como ferramentas essenciais para a promoção da autonomia do aluno e seu protagonismo no processo de construção do conhecimento. Reconhece os desafios da docência no ensino superior em saúde, como a desvalorização da profissão, a sobrecarga de trabalho e a falta de recursos. Propõe uma reflexão crítica, em diálogo permanente, para a formação de profissionais de saúde engajados, críticos e reflexivos. Conclui que a formação em saúde trata-se de um processo transformador para discentes e docentes, por ser uma jornada de aprendizado mútuo, crescimento pessoal e profissional, que contribui para uma sociedade mais justa e saudável.

Palavras Chave: Docência, ensino superior, saúde

ABSTRACT

This article delves into the intricate world of healthcare education, examining the role of teaching, the experiences of students, and the challenges they face. It highlights the multifaceted nature of higher education in healthcare, emphasizing the need to transcend mere knowledge transfer and embrace the diversity of knowledge and contexts that permeate the reality of healthcare professionals. The article also traces the historical evolution of healthcare higher education and the unique characteristics of rural settings. A key emphasis is placed on acknowledging the subjectivity of students, underscoring the importance of empathy and attentive observation from educators to maximize learning potential. Active methodologies are championed as essential tools for fostering student autonomy and empowering them to take ownership of their knowledge construction process. The article recognizes the challenges faced by healthcare higher education faculty, including professional devaluation, excessive workloads, and resource scarcity. It calls for critical reflection and ongoing dialogue to cultivate a generation of healthcare professionals who are engaged, critical, and reflective. In conclusion, healthcare education is portrayed as a transformative process for both students and educators, a journey of mutual learning, personal and professional growth, and a catalyst for a more just and healthy society.

Keywords: Teaching, university education, health

RÉSUMÉE

Cet article explore la formation en santé, en se concentrant sur l'enseignement, les expériences des étudiants et leurs défis, en abordant la pluridimensionnalité de l'enseignement supérieur en santé, la nécessité d'aller au-delà de la simple transmission des savoirs et l'importance de la diversité des savoirs. Par ailleurs, il souligne l'évolution historique de l'enseignement supérieur en santé et les spécificités du milieu rural. Il souligne également l'importance de reconnaître la subjectivité des élèves, en soulignant la pertinence de l'empathie et du regard attentif de l'enseignant, dans le but de valoriser l'apprentissage. Il met l'accent sur les méthodologies actives comme outils essentiels pour promouvoir l'autonomie des étudiants et leur rôle de premier plan dans le processus de construction des connaissances. Reconnaît les défis de



l'enseignement dans l'enseignement supérieur en santé, tels que la dévalorisation de la profession, la surcharge de travail et le manque de ressources. Il propose une réflexion critique, en dialogue permanent, pour la formation de professionnels de santé engagés, critiques et réfléchis. Il conclut que la formation en santé est un processus de transformation pour les étudiants et les enseignants, car il s'agit d'un parcours d'apprentissage mutuel, de croissance personnelle et professionnelle, qui contribue à une société plus juste et plus saine.

Mots-clés: Enseignement, enseignement supérieur, santé

O conceito de saúde mudou com o passar dos tempos. Muito associada em séculos passados a mera ausência de enfermidades, a saúde foi vista correlacionada aos aspectos físicos, sendo compreendida enquanto ausência de dores, machucados e doenças que comprometem o corpo humano, porém, no panorama atual da humanidade, entende-se que estar saudável vai muito além disso.

O corpo humano não se desprende do pensamento, do subjetivo, do individual e do coletivo. Hoje se fala sobre as questões sociais e como estas afetam o sujeito. As divergências socioeconômicas na realidade de cada um, os aspectos culturais, as políticas públicas, ambiente e habitação, todos esses são fatores que corroboram com o bem-estar ou mal-estar do indivíduo, sendo parte integrante dos aspectos de saúde.

Considerando a pluridimensionalidade da saúde, é preciso um olhar para além da medicina, com a integração de saberes de diversas profissões, para compor o cenário da saúde como um todo e sua atuação conjunta para a sistematização de ações que visem o benefício do público de modo geral, auxiliando a lidar de maneira adequada às necessidades particulares e coletivas. (Martins & Oliveira, 2023).

Para entender como isso funciona na prática, como se dá o preparo para trabalhar e lidar com esses aspectos inerentes a constituição do que é fazer parte dos cuidados em saúde enquanto profissional, o presente artigo visa compreender a pluridimensionalidade das vivências de docentes e discentes na área da saúde, em especial as experiências dos professores na atuação com públicos diversos, em cenários como o ambiente urbano e rural e suas particularidades, comparando o que se entende na literatura sobre as formalidade do ensino superior com a prática na cotidianidade, no desafios e no caráter dinâmico e mutável dos planos que envolvem as relações humanas envolvidas em tudo isso.



O ensino superior no Brasil: Um panorama geral

Segundo Gomes, Taylor & Saraiva (2018), no Final do século XVII, houve uma expansão do ensino, de tendência europeia, alcançando outros continentes, incluindo a América Latina. O ensino superior em território brasileiro foi resultado desta. No Brasil, que neste momento da história vive o período colonial, o ensino superior chega pelas mãos dos Jesuítas, com cursos limitados apenas às áreas da Filosofia e Teologia, à serviço de Portugal, tendo a Universidade de Coimbra como referência. Entretanto, observa-se uma carência de forma mais latente por Ensino Superior no Brasil, no período após a primeira guerra mundial, e a primeira universidade do país é inaugurada em 1920 no Rio de Janeiro - UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

O século XX foi marcado pela disseminação do Ensino Superior no país, uma vez que as universidades foram se propagando em todo o território brasileiro, além do surgimento das universidades de ensino privado. Segundo Tomas & Silveira (2021), após a Constituição Federal 1988, que assegurou a universalização do ensino, foram surgindo programas federais voltados para o ensino além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a qual traz os Centros Universitários como uma nova realidade.

Além disso, já nos anos 2000, observa-se iniciativas governamentais às instituições privadas, o que alavanca o setor privado na educação brasileira. A partir deste momento há uma interiorização dos cursos acadêmicos, ainda conforme Tomas & Silveira (2021). Esses incentivos, partindo do governo federal, passaram a ser expressos em esferas menores, tais como estado e município, e a política de expansão do ensino levou a interiorização dos cursos acadêmicos no território brasileiro, alcançando cidades menores, tendo como resultado um número maior de pessoas com acesso ao nível superior.

O ensino superior em saúde

O ensino em saúde traz consigo um histórico associado à grande procura e alto nível de dificuldade, além de grande concorrência no que se refere às instituições públicas de ensino superior. Isso se dá pelo que é percebido na evolução histórica da medicina. enquanto um curso de grande prestígio e retorno financeiro tornava-se atraente aos olhos da sociedade, como um futuro promissor para quem ingressasse



em algo associado a isto, dadas as dificuldades enfrentadas por grande parte da população brasileira. Quando se pensa em investir tempo, energia e, até mesmo, recursos financeiros, era preciso estar certo de que seria a melhor escolha. Assim, no imaginário coletivo, até os dias atuais tem-se a ideia de que é bom tornar-se médico, enfermeiro e odontólogo. Normalmente são essas as primeiras profissões associadas ao estereótipo de saúde. No entanto, se percebe que, na prática, os agentes envolvidos no cenário de cuidados com a vida são variados e envolvem profissões que décadas atrás não seriam consideradas pertencentes à saúde.

Hoje os cursos superiores têm vertentes diversas para trabalhar com a saúde, além de haver maior concordância em se trabalhar de forma multidisciplinar. Assim, diversos saberes interagem em prol dos cuidados, tratamentos, resolução de desafios, criação e manutenção de estratégias e planejamento dos serviços em saúde (Martins & Oliveira, 2023).

A docência no ensino superior por si só pode ser compreendida como um espaço de construção de conhecimentos, onde o estudante tem autonomia para investir em sua formação, com a possibilidade de vivenciar experiências diversas durante esse preparo para a carreira profissional propriamente dita, contando com o professor como uma figura colaborativa, que coopera com esse processo, não como alguém que detém o conhecimento e o transmite para o aluno que, passivamente, recebe esses saberes e os guarda.

Essa ideia de aluno enquanto depósito de conhecimento transmitido pelos docentes não faz sentido na conjuntura dos cursos de graduação da atualidade. Com o passar dos tempos e os avanços da tecnologia, professores e alunos recebem informações a todo momento. O aluno descobre coisas com o professor e o professor aprende outras com os alunos. A troca é real e facilita a aprendizagem, tornando-se não mais uma via unidirecional, mas uma relação e é dessa relação que se pode perceber o desenvolvimento dos alunos (Ribeiro, 2020), principalmente quando se trata de ensino em saúde, pois os campos de prática compõem parte significativa da matriz curricular de diversas profissões, os estágios urbanos, rurais, básicos e avançados, além das práticas imersivas são exemplos disso.

As especificidades do âmbito rural



A educação é uma ferramenta transformadora de realidades. Quando trata-se de educação no espaço predominante rural entende-se que possuem suas especificidades. Conforme Araújo & Aguiar (2021), a educação no campo é marcada historicamente pelo elitismo rural, o agronegócio, o latifúndio, tornando-se os agentes causadores da exclusão socio-educacional. Além disso, ainda conforme os autores, algumas barreiras dificultam o ensino no campo, tais como: a falta de uma infraestrutura no espaço físico escolar, recursos didáticos, ausência de professores e a falta de estímulo familiar, uma vez que as famílias têm sua economia baseada na roça. São necessárias melhorias para a eficácia do ensino rural.

Ao se voltar para realidade no Ensino Superior, observa-se outro cenário. Em primeiro lugar, os alunos que finalizam o ensino médio em termos gerais, aqueles que pretendem cursar o ensino superior, precisam enfrentar muitas barreiras. De acordo com Rodrigues (2023), em muitos casos, a família destes estudantes não possui membros que tenham o ensino superior, logo estes serão os pioneiros de suas famílias a tentar ingressar em algo que antes era destinado a uma elite. Para iniciar essa jornada é necessário, primeiramente, realizar o vestibular, que pode ou não ser oferecido na cidade natal. Ou, ainda, migrar para outra cidade próxima, que ofereça o curso superior desejado. O deslocamento é uma realidade comum até mesmo no ensino básico, com as escolas ofertadas estando no mesmo município, muitos ainda necessitam percorrer longos caminhos para frequentar as aulas. Para a universidade o salto pode ser ainda maior.

Segundo Alves (2023), a pedagogia precisa dialogar com as diferentes realidades do campo brasileiro, como relatos de jovens que afirmavam perder aula, pois o transporte não vinha ou ficavam atolados em período de chuvas, ou jovens que precisavam trabalhar em período de colheita, ou até mesmo se atrasaram para as aulas pois precisavam se limpar da lama nos pés, visto que não queriam ser apelidados na escola. Além disso, a preparação para as provas em muitos casos é precária, aqueles que não dividem a dupla jornada, escola-roça/ trabalho, precisam se preparar por conta própria, pois há uma grande falta de professores no ensino básico que deixam lacunas no processo de ensino - aprendizagem. Não há, em muitos casos, cursos preparatórios privados e, quando há, a sua realidade econômica não permite cursar.



Senkevics e Carvalho (2020) enfatizam esse fato quando afirmam que a seleção é severa e meritocrática e o próprio sistema de ensino atua como filtro social, tendo em vista que os alunos que disputam tais vagas possuem realidades distintas. Porém, ao se falar de Ensino Superior, sabe-se que não há apenas o ensino público, as universidades particulares cresceram e aplicaram seu acesso em todo o território nacional, o ensino EAD (educação a distância) também é realidade em muitos cursos de nível superior, muitas universidades privadas estão cada vez mais presentes nas regiões interioranas oferecendo cursos como licenciatura e ensino tecnológico para alcançar este público que não consegue sair de sua região em busca de um curso superior.

De acordo com Alves (2023), dentre as condições estruturais que se tornam desafiadoras diante do avanço das novas tecnologias, o acesso a internet é uma delas, sendo algo limitado entre os jovens rurais. Logo, as próprias universidades que se fazem presentes através de pequenos polos, buscam o aparato tecnológico para minimizar esta barreira. Além disso, de acordo com Torres-Patiño, Rojas-Hernandez & García-Perdomo (2021), outro obstáculo importante é a mensalidade e a capacidade de se manter no curso e acompanhar de forma produtiva as aulas. A questão financeira se mostra de duas formas: a renda baixa da população e a falta de investimento governamental. Para o autor, a pobreza não se define somente pela falta de pagamento da mensalidade pelo estudante, mas também por não estarem prontos para vivenciar a vida acadêmica, devido aos déficits educacionais.

Atualmente o ensino em saúde está ganhando espaço nos municípios menores, dito como rurais, como é o caso do curso de enfermagem na modalidade semi-presencial, além deste curso, é possível observar outros tais como: fisioterapia, biomedicina, nutrição, farmácia, etc. De acordo com Silva *et al* (2020), as experiências vividas pelos acadêmicos do curso semi-presencial em enfermagem permitem afirmar pontos positivos, apesar das dificuldades encontradas inicialmente, e afirma que, para garantir o sucesso desta modalidade na área de saúde, são necessários o suporte da Instituição de Ensino Superior e dos professores. No entanto, a autonomia deste tipo de ensino já garante ao aluno a capacidade de gerenciar sua aprendizagem. Logo, é possível afirmar que esses novos modelos, apesar de suas fragilidades, abriram



novas perspectivas e oportunidades àqueles que antes não tinham, possibilitando o egresso de discentes sem a necessidade do êxodo rural.

A pluridimensionalidade do discente de graduação

Os motivos que levam à busca pelos cursos de graduação nas áreas de saúde são diversos, porém a partir do momento em que a escolha é feita e se está oficialmente cursando psicologia, enfermagem, odontologia etc, parte-se do princípio que todas as pessoas reunidas tem o mesmo objetivo em comum: a formação no curso escolhido, além do ideal de comprometimento com a profissão sonhada, bem como a noção do compromisso com a ética e princípios pertinentes à área de atuação. No entanto, quando se fala em relações humanas é imprescindível reconhecer a natureza dinâmica do Ser, que vive sua realidade, imerso em seu universo de pensamentos, ideias, sensações, sua construção histórica, interações e vivências.

Como se compreende no pensamento do precursor da fenomenologia, o matemático Edmund Husserl, não há separação entre o homem e o mundo em que vive, não fazendo sentido, assim, as distinções dos cuidados e trabalhos nos quais se busca interpretar o sujeito apenas enquanto ser biológico, ou apenas enquanto ser psicológico, ou social. O Ser vive sua realidade imerso em seu mundo, que tem imbricações com o mundo de outros seres, o ser que está aí, lançado em seu cotidiano, compreendido por Heidegger como *Dasein*, é multidimensional, vive o mesmo mundo físico que o outro, porém não vive o que o outro vive, ele é, em sua subjetividade, aquele que experiencia os próprios fenômenos (Heidegger, 2013).

Os alunos são pessoas que, em sua maioria, estão experienciando a conquista de adentrar a cada dia mais a carreira profissional sonhada. Isso, em si, já carrega uma carga de sentimentos, emoções, expectativas, ideais, sonhos e vontades. Não se trata apenas de estudar meramente por ouvir que é sua obrigação, como muitas crianças e adolescentes escutam em relação ao ensino básico, tem algo ali que é deles, que foi sua escolha. Mesmo com exceções, ainda assim são pessoas que estão em busca por algo, em uma jornada.

Porém nesta caminhada podem haver diversas intercorrências, além das diversas faces do que é o Ser para além do papel social do aluno. O sujeito que está ali, no banco da universidade não se resume ao ser aluno, muitas vezes é um pai,



mãe, filho, avó, tio, é um trabalhador, uma chefe de família, uma pessoa espiritualizada, um ativista, um funcionário público, um professor também etc.

Compreende-se que o universitário é multifacetado, multidimensional. Assim como hoje se compreende o ser humano como ser bio-psico-sócio-espiritual, é importante considerar que esse mesmo ser também estará na universidade e, quando estiver, não deixará nenhuma dessas dimensões para trás, ganhará ainda a dimensão acadêmica, os vínculos sociais inerentes à academia, vivenciará as dores e sofrimentos de como é lidar com tudo isso ao mesmo tempo e com as alegrias das conquistas diárias, dos aprendizados, das vitórias em cada aprovação, da energia e disposição investidas em atividades que geram frutos e resultados satisfatórios. É percebendo que o sujeito não se limita, assim como não se separa de si mesmo para tornar-se universitário, que se pode entender essa pluridimensionalidade.

Os papéis sociais que a pessoa ocupa se somam e, a depender da situação, é possível que questões pessoais se façam presentes na realidade acadêmica dos discentes. Por essa razão é preciso compreender que a empatia perpassa a relação entre docente e discente, não por algum dever implícito, mas como forma de trazer para perto aquele que é autor da própria história, quem está trilhando o caminho da graduação em busca da realização dos próprios objetivos.

Enquanto docente, o discurso de esquecer a vida pessoal para estar ali não é benéfico, ao contrário disso, é exigir do sujeito despir-se de si mesmo para viver algo que na verdade deveria fazer parte disso que é o seu mundo. O ser-no-mundo do acadêmico é vivido dentro e fora da universidade. Ser-no-mundo trata da concepção do ser em contato com a realidade vivida, com o mundo que o circunda, sendo este repleto de facticidade, situações que o acometem e que podem ser difíceis ou não de lidar, mas que estão dadas e integram a vida do sujeito, pois ele vive e sente o mundo, bem como interpreta sua realidade através do contato com este mundo (Heidegger, 2013).

O ensino em pós-graduação e seus desafios

É comum se falar sobre perfil do aluno, perfil do egresso etc, porém quando se trata de pós-graduação é possível ter um outro olhar, buscando compreender que não se trata de algo facilmente redutível como um perfil que possa definir o que há de se encontrar nas turmas. Assim, a compreensão do aluno de pós-graduação se dá pela



interação e busca pelos sentidos e significados do que é o estudo no ensino superior para além da graduação, diferentemente do que se vê nas universidades. No perfil do aluno de ensino superior em etapas iniciais, antes de conquistar seu diploma de bacharel, licenciado ou tecnológico, o que se percebe são as expectativas, os sonhos, as buscas pela realização daquilo que um dia fora idealizado, porém esse panorama muda consideravelmente após a formação.

As vivências ao final do curso normalmente tem grande peso na escolha das vertentes de atuação e, conseqüentemente nas buscas *a posteriori* sobre qual caminho seguir. No entanto, quando o docente se depara com uma turma de pós-graduação, é um conjunto de pessoas que vieram de diferentes caminhos, passaram por trajetórias diversas e têm histórias distintas em relação à mesma coisa: a profissão escolhida, no caso, mais especificamente aqui, com a saúde. Não se tratando apenas de uma sequência lógica se espera, como em relação aos alunos de graduação regular que espera-se que tenham tido uma sequência de séries do ensino médio anteriormente.

Na pós-graduação a única certeza é que houve a faculdade anteriormente, mas qual foi a trajetória posterior a esta, qual o contato a pessoa já teve com o campo, quais as expectativas e qual a relação que esse sujeito tem com a carreira que escolheu, com o tipo de serviço que oferta e, até mesmo, com ele próprio em relação a sua visão de profissional, são um mar de surpresas que, em algum momento, vão envolver o docente enquanto ser humano em relação com um grupo (a própria turma) cotidianamente.

Diversos teóricos tratam dessas questões de como lidar com as diferenças, além de salientarem a importância de estar atento ao contexto e, por semelhante modo, aos aspectos sociais que envolvem o discente, como já se via nos trabalhos de Lev Vygotsky (2003), que compreendeu a necessidade de dar atenção aos aspectos que vão além do conteudismo na educação, partindo do pressuposto que o ser humano não se reduz. Assim também se percebe que as relações sociais compõem parte significativa da vida do sujeito, portanto facilitar esses aspectos, cuidar e proporcionar condições de um ambiente saudável também socialmente, favorece o aprendizado.



Desse modo, o que se passa na vida do sujeito não é desconsiderado, muito pelo contrário, tal qual se aprende nos estudos e aplicações metodológicas de Freire, o que é experienciado pelo aluno é também por ele atribuído de sentidos, significados e signos, faz parte de sua realidade e tem ligações que podem ser utilizadas em prol do aprendizado facilitado. Se considerarmos enquanto docentes que o aluno está longe de ser uma folha em branco, faz sentido buscar compreender o há escrito em sua história até então que possa se conectar com que ele deseja aprender, fazendo assim uma conexão de ideias, aos sentidos pré-existentes, fortalecendo o aprendizado, deixando de ser apenas um sistema decorativo, entrando na seara dos afetos, construções individuais e coletivas. (Gadelha, Oliveira & Carvalho (2021).

A diversidade em saúde

A vastidão de ações, atividades, práticas, intervenções, técnicas, métodos e formas de se fazer saúde são quase infinitas, sendo possível trabalhar com públicos diversos em contextos complexos com a participação de múltiplas especialidades. Tomamos como exemplo a psicologia que, para muito, no decorrer da formação ao se falar em saúde logo se associava à psicologia hospitalar, porém a psicologia da saúde é bem mais abrangente e engloba todos os níveis da atenção em saúde, desde a primária em Unidades Básicas de Saúde (UBS), perpassando a reabilitação, cuidados paliativos, ações de prevenção e promoção de saúde, atendimento clínico, atendimento individual, coletivo, familiar, em leito, em contexto de internação, pré e pós operatório, ambientes de caráter psicossocial, ações multiprofissionais, dentre outras. O mesmo princípio é seguido em outras áreas, como nutrição, enfermagem, fisioterapia, farmácia, etc.

É possível perceber que a saúde é diversa em conteúdo, contexto, profissionais, temáticas, desafios, potencial e possibilidades. A participação da psicologia no processo saúde-doença, enquanto promotora de ações para prevenção, cuidados, auxílio na adesão aos tratamentos, a psicologia pôde também aproximar-se com o decorrer dos tempos de áreas mais específicas dentro saúde, como a saúde coletiva e saúde pública, proporcionando maior alcance e apropriação de conhecimentos referentes aos sujeitos e suas implicações individuais e coletivas (Soares & Macedo, 2020).

As práticas e fazeres: quando a teoria torna-se prática



As diversas abordagens em saúde e suas variações nas diversas profissões envolvidas no contexto do cuidado são aprendidas desde os períodos iniciais da formação acadêmica. As bases teóricas são essenciais para o desenvolvimento acadêmico-profissional do sujeito, além de serem o norte sobre como agir, quais medidas são necessárias em cada caso e como proceder de modo geral em sua atuação após formado.

Todavia a formação não ocorre apenas em teoria, principalmente no âmbito da saúde, as práticas são cruciais para a consolidação dos conhecimentos teóricos. A atuação em campo fornece ao aluno a possibilidade de compreender o que ocorre no cenário real, quais as variáveis não calculadas em sala de aula, o que é comum de acontecer, os desafios que aquele ambiente pode trazer, o tipo de serviço esperado e o que de fato é viável em cada situação, etc.

Como ocorre na supervisão dos alunos que atendem no projeto Plantão Psicológico nas Escolas de Manaus/AM, onde as atividades são realizadas nestas escolas com o objetivo de atender à comunidade escolar, com sessões de caráter emergencial, nas quais os alunos de graduação encontram-se no papel de plantonistas, realizando estes atendimentos. Quando trazem em supervisão os relatos, são sempre convidados a comparar teoria e prática. Uma vez que a base metodológica é a fenomenologia, suas análises são sempre pautadas em buscar compreender o que se passa em cada caso, conforme a interpretação do sujeito que vivencia o fenômeno, não com a relação de causa e efeito ou outra forma deterministas, assim se percebe que as consultas são sempre diferentes, como sistemática própria de cada sujeito, com liberdade e autenticidade (Paes & Castro, 2023).

Por um lado se tem a tranquilidade de pessoas que estão sendo acompanhadas por profissionais docentes que auxiliam para que os atendimentos tenham o direcionamento adequado, por outro lado se tem o misto de emoções dos alunos que, em diversos momentos, relatam que, independente de terem recebido o preparo adequado teoricamente, ainda assim as vivências não cabem nas explicações estáticas dos livros, o que é percebido vai além e sem a prática não seria possível ter a noção total sobre o universo de possibilidades que existem, universo este que chega a ser assustador no primeiro momento ao mesmo passo em que é fascinante.



Metodologias: as estratégias de ensino

Os aspectos metodológicos do trabalho pedagógico no ensino superior se fazem de forma a compreender que as especificidades dos alunos não fazem parte dos desafios, mas sim das soluções e oportunidades que se tem para acessar ao universo dos discentes no decorrer do semestre. É percebido que, em diversas teorias, os afetos são mencionados como parte integrante das interações humanas, sendo eles responsáveis pelas ativações de diversas sensações corporais e evocação de sentimentos e emoções que podem surtir efeitos distintos no sujeito, como o de trazer para si a responsabilidade de dar continuidade aos estudos por sentir-se comprometido com o conteúdo e/ou prática aplicada, justamente pelo sentimento e sentidos adquiridos na interação do aluno com o que fora vivido ou partilhado em sala de aula. (Ribeiro, 2020).

Esse fenômeno já estudado por alguns autores, perpassa o ensino básico e superior, estando presente até mesmo na pós-graduação. Conhecer o aluno deixa de ser mera formalidade e passa a ser um ponto de conexão, de relações humanas que envolvem o processo ensino-aprendizagem. Essas relações contribuem neste processo, fortalecendo assim, através do vínculo, a eficácia desta etapa de desenvolvimento pessoal e acadêmico do sujeito.

Atualmente é comum se utilizar das metodologias ativas no ensino superior, por se tratar de métodos no qual centraliza a figura do aluno como protagonista do seu processo de aprendizado. Tornando-o ativo, o professor passa a exercer o papel corresponsável, o mediador neste processo. Segundo Lovato *et al* (2018), o aluno é induzido a fazer equipes e discutir um problema apresentado, saindo do seu papel passivo e passando a ser o executor, desenvolvendo novas competências. O professor atua, então, como supervisor e não mais como fonte de informações.

Esses novos métodos da aprendizagem baseada em problemas, torna o aluno mais ativo no seu aprendizado, permitindo iniciativa própria e autonomia. O aluno do ensino superior, ao encarar simulações semelhantes a sua futura rotina, torna-se mais preparado frente a sua nova profissão.

Encontros e desencontros da vivência na docência: relatos e reflexões

A docência é sem dúvidas um grande desafio na vida do professor. Ensinar significa criar metodologias que levem o aluno a aprender, é ensinar a como aprender,



e a aprender ensinando. Segundo Paes & Monteiro (2024), ser professor no Brasil não é algo fácil, a profissão é desvalorizada e falta recursos, são baixos os salários, o profissional é sobrecarregado além de encontrar em sala, realidades distintas.

O Ensino Superior não foge muito a essa realidade, uma vez que os alunos são produtos da educação básica que, em muitos casos, trata-se de uma base fragilizada pela estrutura do sistema de ensino público do país. Além disso, ao se depararem com o ensino superior, encontram uma realidade distinta que os levam a confrontos sócio-emocionais. Segundo Fernandez *et al* (2021), o estudante, ao adentrar a nova realidade acadêmica, trás consigo uma mistura de sentimentos como felicidade, medo e ansiedade. Essas emoções podem ser explicadas pelo conhecimento do novo, o aprendizado, porém a cobrança e a dedicação que a universidade exige do aluno os levam a uma sobrecarga que afeta diretamente seu desempenho, elevando seu nível de estresse. Logo, como resultado do ensino básico fragilizado, essa sobrecarga trazida pelo Ensino Superior torna-se um fardo maior do que o esperado. De acordo com Mattos & Fernandes (2022), a principal causa da desistência dos estudantes universitários oriundos do ensino público é devido à falta de conhecimentos básicos e de técnicas de prática de estudos.

Apesar destas dificuldades, é possível observar a evolução daqueles que persistem, independente de sua origem e base escolar. A cada barreira vencida, seja essa barreira, um trabalho, uma prova ou uma disciplina, nota-se a formação de um profissional, o amadurecimento e a autoconfiança trazida pelas exigências do ensino superior. Além disso, é importante salientar que a instituição e a família neste suporte são fundamentais para o sucesso acadêmico. Segundo Osti *et al* (2020) o estudante que possui o apoio da instituição e da família e amigos, possui mais liberdade na sua vida universitária, tornando-a mais satisfatória.

Considerações finais

No decorrer deste artigo, buscamos explorar o universo multifacetado da formação em saúde, tecendo reflexões acerca da docência, das vivências dos discentes e dos desafios que fazem parte desta jornada. Abordamos a pluridimensionalidade do ensino superior em saúde, dando destaque à necessidade de ir além da mera transmissão de conhecimentos, abraçando a diversidade de saberes e contextos que permeiam a realidade dos profissionais da área. Expusemos



também a evolução histórica do ensino superior em saúde e as especificidades do âmbito rural.

Destacamos a importância de reconhecer as múltiplas nuances dos discentes, compreendendo-os enquanto seres biopsicossociais, inseridos em diversos contextos socioculturais e econômicos. A caminhada do discente em saúde é marcada por encontros e desencontros. Uma jornada de alegrias e conquistas, mas também de lutas e superações. Nesse cenário, a empatia e o olhar atento do docente são ferramentas essenciais para a acolhida das individualidades e para a potencialização do aprendizado.

As metodologias ativas, enquanto aliadas no processo de ensino-aprendizagem, podem promover a autonomia do aluno, além do protagonismo no processo de construção do conhecimento, exigindo do docente flexibilidade e adaptabilidade. Assim, por meio da problematização, da simulação e da prática vivenciada, os futuros profissionais da saúde são preparados para os desafios do dia-a-dia, dotados de habilidades críticas e reflexivas.

No entanto, a docência do ensino superior em saúde também enfrenta seus desafios, como a desvalorização da profissão, a sobrecarga de trabalho e a falta de recursos. Estes são alguns dos obstáculos que necessitam ser superados para que se possa garantir uma educação de qualidade.

Este artigo trata-se de um convite à reflexão crítica e à construção de um diálogo permanente acerca da formação de profissionais de saúde engajados, críticos e reflexivos, com a capacidade de responder às demandas complexas e de múltiplas facetas advindas da contemporaneidade. Acreditamos que, através da valorização da docência, da promoção de metodologias inovadoras de ensino, da construção de ambientes acadêmicos acolhedores e inclusivos e da implementação de políticas públicas que proporcionem acesso a estes, pode-se contribuir para a formação de uma geração de profissionais cada vez mais humanos, competentes e comprometidos com a saúde da população.

Embora haja pedras no caminho, a formação em saúde é um processo transformador, tanto para os discentes quanto para os docentes, tratando-se de uma jornada de aprendizado mútuo, de crescimento pessoal e profissional, por vezes



utilizando dessas pedras para construir pontes que contribuam para uma sociedade mais justa e saudável.

REFERÊNCIAS

- Alves, Maria. Zenaide. (2023) Juventude rural em um território de incertezas: questões para a educação. *Cadernos Do PET Filosofia*, 27(54), 37-55. <https://doi.org/10.26694/rles.v27i54.313>
- Araújo, Claudiana Rafaela de Lima; Aguiar, Eliene da Silva. (2021) *Educação na zona rural: dificuldades no processo de ensino e aprendizagem*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- Fernandez, Alex. Costa., de Oliveira, Stefany. Alencar., Lobato, Tatiane. Caroline. Lima., Siqueira, Gabriel. Garcia., Albuquerque, Firmina. Hermelinda. Saldanha., & Pereira, Vanderson. de Souza. (2021). Dificuldades e fragilidades vivenciadas por alunos durante a graduação em universidade pública / Difficulties and weaknesses experienced by undergraduate students at a public university. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(1), 3506–3514. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n1-273>
- Gadêlha, Maria Leudysvania de Sousa Lima, Oliveira, Diana Nara da Silva & Carvalho, Sandra Maria Gadelha de. (2021) *Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p.1-12
- Gomes, Válter., Machado-Taylor, Maria. de Lurdes., & Saraiva, Ernani. Viana. (2018) O ensino superior no brasil - breve histórico e caracterização. *Ciência & Trópico*, 42(1). Recuperado de: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/1647>
- Heidegger, Martin. (2013) *Ser e Tempo*. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco.
- Lovato, Fabricio Luís; Michelotti, Angela; Silva, Cristiane Brandão da; Loretto, Elgion Lucio da Silva. (2018) Metodologias Ativas de Aprendizagem: uma Breve Revisão. *Acta Scientiae*, v.20, n.2, mar./abr. 2018.
- Mattos, H. C. X. da S., & Fernandes, M. C. da S. G. (2022) A universidade no horizonte de estudantes oriundos de escola pública: um estudo qualitativo sobre a permanência. *Horizontes*, 40(1), e022010. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v40i1.1309>
- Martins, Marcos Vinicius Teixeira, & Oliveira, Stefan Vilges de. (2024) Os impactos do trauma associado a causas externas na saúde pública do município de Uberlândia-MG. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 1(2), 417–425. <https://doi.org/10.51891/rease.v1i2.11009>



- Paes, Jane da Silva & Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2023). A processualidade desse Eu que cuida: as vivências dos plantonistas pela ótica do supervisor. *Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq* ISSN 1983-3415 (versão impressa)-eISSN 2558–1441(Versão digital) 158Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág.158-176
- Paes, Jane da Silva & Monteiro, Klévia da Silva. (2024) Um ensaio sobre a docência: As perspectivas do magistério no ensino público do Brasil. *Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq* ISSN 1983-3415 (versão impressa)-eISSN 2558–1441 (Versão digital)
- Ribeiro, Marinalva Lopes. (2020) A relação professor-estudante na educação superior. *Educação Em Análise*, 5(1), 185–200. <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2020v5n1p185>
- Rodrigues, Isabely da Silva. (2023) *As percepções de estudantes de uma escola pública de zona rural com relação ao ingresso no ensino superior*. TCC (Graduação) - Curso de Sociologia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção-Ceará.
- Senkevics, Adriano. Souza.; Carvalho, Marília. Pinto. de. (2020) Novas e velhas barreiras à escolarização da juventude. *Estudos Avançados*. [S. l.], v. 34, n. 99, p. 333-351. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/ea/a/WXhh8DX9tfM5YYnPpbmqMTb/?lang=pt> Acesso em: 19 abr. 2023.
- Silva Maria. Ana. Letícia da., Silva Stéphanie. Venâncio., Da Silva Júlio. Cezar. Bernardino., Da Silva Wanessa. Barros., Santos Maria. Willyane. Carneirl. de Lucena., Mota Samira. Maria. Almeida., de Carvalho Maria. Valéria. Gorayab., & de Sousa Vanessa. Juvino. (2020) A avaliação do ensino semipresencial sob à ótica do acadêmico de enfermagem. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (47), e3080. <https://doi.org/10.25248/reas.e3080.2020>
- Soares, Francisco Bruno Paz & Macedo, João Paulo Sales (2020). Intersecções Entre Psicologia da Saúde e Saúde Coletiva: Uma Revisão Integrativa. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 12, n. 1, jan./abr. 2020, p. 33-47. ISSN: 2177-093X
- Tomás, Maria. Carolina., & Silveira, Leonardo. Souza. (2021) Expansão do ensino superior no Brasil: diversificação institucional e do corpo discente. *Revista Brasileira de Sociologia*, 9(23), 149-177. <https://doi.org/10.20336/rbs.781>
- Torres-Patiño Isabel Cristina, Rojas-Hernandez Crithiam Maurício, García-Perdomo Herney Andres. (2021) Barreiras de acesso e permanência na universidade: um olhar. *einstein* (São Paulo). 2021;19:eED6447.
- Vigotski, Lev Semionovitch. (2003). *Psicologia Pedagógica*. Porto Alegre: Artmed.
- Osti, Andreia., Chico, Beatriz. Marsili., Oliveira, Vinícius. de, & Almeida, Leandro. Silva. (2020). Investigação de fatores relacionados à satisfação acadêmica no



ensino superior brasileiro. Revista De Instrumentos, Modelos E Políticas Em Avaliação Educacional, 1(3), e020015. <https://doi.org/10.51281/impa.e020015>

Autoras:

Jane da Silva Paes

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Especialista em Psicologia Clínica de Base Fenomenológica pelo Instituto de Ensino Vision. Especialista em Saúde Coletiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Bacharela em Psicologia pela UFAM. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). Professora do curso de Psicologia da Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO). Preceptora em Psicologia na Pós-graduação em Saúde Pública com ênfase em Estratégia de Saúde da Família (UEA/ESAP). Vice Coordenadora da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Supervisora no Projeto de Extensão Plantão Psicológico nas escolas em Manaus. E-mail: janedasilvapaes@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9683-8518>

Klévia Paes Monteiro

Graduada em licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas. Graduada em licenciatura em História pela Universidade Estácio de Sá - Amazonas. Especialista em Psicopedagogia e Educação Especial - Faculdades Idaam. Especialista em Geografia e Meio Ambiente pela Faculdade Acesita - Timóteo (MG). Especialista em Metodologia em História e Geografia pela Faculdade Acesita - Timóteo (MG). Graduanda em enfermagem pela Fametro - AM (Pólo Uruará). Atua como professora da educação básica do município de Uruará - AM com vínculo efetivo - Concurso Público. Atuou em pesquisas, monitoria e projetos de iniciação científica pela Universidade Federal do Amazonas, com publicações em revistas como Unesp, Monte Claros, Ufu de Uberlândia e UFAM, além de publicações em congressos. Esteve com vínculo empregatício com a AADC - Agência Amazonense



de Desenvolvimento Cultural, Escolas Idaam e Colégio Santa Dorotéia. E-mail: kleviapaes@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0140-2857>

Gabriela Monteiro da Silva

Pós-graduanda em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial. Bacharela em Psicologia formada pela UniNorte – Ser Educacional. Diretora de Comunicação da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/FAPSI/UFAM). Supervisora no projeto de extensão Plantão Psicológico nas escolas em Manaus. E-mail: gabrielamonteiro.psicologia@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6998-432X>